

O ingressante ao Curso de Pedagogia da UFGD: análise exploratória de convergências para a educação básica

Mary Ane de Souza
Giselle Cristina Martins Real

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar as características dos estudantes que ingressam ao Curso de Pedagogia da UFGD, com vistas a explicitar a convergência do perfil deste estudante com as características do docente esperado para a educação básica. Como metodologia, além de estudos bibliográficos, aplicaram-se questionários aos alunos no curso. A partir dos dados analisados pode-se observar que o Curso de Pedagogia da UFGD se constitui como uma carreira atrativa para os jovens da classe trabalhadora, egressa do ensino médio público. Por outro lado, pode-se observar que, o ingressante ao Curso de pedagogia, não estabelece convergências diretas com o perfil desejado ao professor da educação básica, o que potencializa reflexões sobre o currículo dos Cursos que formam professores para as séries iniciais do ensino fundamental, particularmente, neste caso, o da UFGD.

Palavras-chave: Política educacional. Pedagogia. Educação Superior.

The entrant the Course of Pedagogy UFGD: exploratory analysis of convergence for basic education

Abstract: This study presents to analyze the characteristics of students entering the School of Education of UFGD, aiming to clarify the convergence profile of this student with the characteristics expected of teachers for basic education. As a methodology, and bibliographic studies were applied questionnaires to students in the course. From the analyzed data it can be seen that the course of Pedagogy UFGD constitutes itself as an attractive career for young working-class, graduate of the public high school. Moreover, one can observe that the entrant to the pedagogy course, does not establish direct convergences with the desired primary education teachers, which enhances reflections on the curriculum of courses that train teachers for the early elementary grades Profile in particular, in this case, the UFGD.

Keywords: Education policy. Pedagogy. Higher education.

1 Introdução

O presente artigo busca socializar reflexões acerca da proximidade do perfil do ingressante ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) com as características do professor para os anos iniciais da educação básica, tendo como parâmetro o estudo realizado, em 2009, por Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto, intitulado “Professores do Brasil: impasses e desafios”.

Segundo a legislação brasileira¹, a formação de professores ocorre por meio dos cursos de licenciaturas, que são cursos que tem como foco formar professores para a educação básica: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino profissionalizante, e suas modalidades, como a educação de jovens e adultos e a educação especial.

A relação entre a educação superior e a educação básica é um tema relevante no contexto brasileiro, especialmente a partir dos anos 2000, quando surgem políticas educacionais que procuram potencializar essa relação, como são os casos de alguns dos programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação, como o Decreto Presidencial nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, que instituiu a Política Nacional de Formação de Professores, que entre outros fatores instituiu a criação do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência).

Outros exemplos da importância da relação entre educação básica e educação superior podem ser observados na emissão do Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 (BRASIL, 2007), que aprova o Plano de Desenvolvimento da Educação, em que são instituídos programas como o PRODOCÊNCIA², o PARFOR³ e o REUNI⁴. Segundo Saviani (2009, p. 1).

¹ Nesse sentido, ver art. 62 de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9394/1996. (BRASIL, 1996).

² Destinado a consolidar os cursos de licenciatura e melhorar a qualidade da formação docente. Para maiores informações acessar seguinte endereço eletrônico: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12244&Itemid=86>

³ Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Para maiores informações acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=13583&Itemid=970>

⁴ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Para maiores informações acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://reuni.mec.gov.br/>

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em 24 de abril de 2007, teve recepção favorável pela opinião pública e contou com ampla divulgação na imprensa. O aspecto que teria sido o principal responsável pela repercussão positiva ser refere à questão da qualidade do ensino: o PDE foi saudado como um plano que, finalmente, estaria disposto à enfrentar esse problema, focando prioritariamente os níveis da qualidade do ensino ministrado em todas as escolas de educação básica do país (SAVIANI, 2009, p. 1).

A relação entre educação básica e educação superior não é apenas focada nas políticas educacionais, mas também na literatura da área educacional. Essa temática ganha contornos de centralidade no contexto brasileiro quando se discute a qualidade da educação básica. A literatura da área educacional aponta que a melhoria da qualidade da educação básica está relacionada, entre outros aspectos, com a qualidade da formação de professores, que ocorre na educação superior (GATTI, 2010, p. 1359).

Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os 'sem voz') e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas. (2010, p. 1359).

Estudos sobre a eficácia escolar também apontam para relações de interferência da formação de professores em educação superior e a qualidade da educação básica. Alves (2008, p. 429) explicita esse fato quando informa:

No âmbito da literatura nacional, Albernaz, Ferreira e Franco (2002) reportaram efeito positivo do nível de formação docente sobre a eficácia escolar, em estudo baseado em dados do Saeb 1999. Resultados convergentes foram encontrados por Soares (2004), com dados do Saeb 2001 para a 8ª série do ensino fundamental e por Machado (2005), com dados do Saeb 2003 para a 4ª série do ensino fundamental. (p. 429).

É nesse contexto que se justifica a importância de analisar as características dos estudantes de pedagogia, especialmente da UFGD, instituição de atuação da autora do presente artigo.

A opção pela análise do Curso Pedagogia da UFGD justifica-se considerando que o mesmo se enquadra entre os cursos mais procurados e com maior número de matrículas dentre os cursos de licenciatura do país e da própria UFGD (SOUZA; REAL, 2012).

Como metodologia para a coleta de dados empíricos, aplicou-se questionário junto aos acadêmicos do Curso, matriculados em cada um dos semestres ofertados, e aplicados no período de 5 a 15 do julho de 2013. A opção pelo questionário levou em conta a quantidade de alunos a serem ouvidos, bem como a possibilidade da definição das questões de forma prévia, objetivando levantar informações relevantes sobre o tema da pesquisa (CHIZZOTTI, 2001).

No questionário havia 22 perguntas que contemplavam os mesmos assuntos analisados no estudo realizado por Gatti e Barreto (2009), que serviu como documento referência, por ter contemplado investigação semelhante com projeção nacional.

O referido estudo foi realizado em 2009, sendo financiado pela UNESCO e coordenado por Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, intitulado “Professores do Brasil: impasses e desafios”, conforme mencionado anteriormente.

Para conhecer as características dos estudantes brasileiros que frequentam os Cursos de Pedagogia no Brasil, as autoras fizeram uso do questionário socioeconômico do Exame Nacional de Cursos (ENADE), que foi aplicado pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior do Ministério da Educação – MEC aos iniciantes e concluintes dos cursos presenciais de Pedagogia no ano de 2005.

Na pesquisa de Gatti e Barreto foram analisados 39.359 estudantes do curso de Pedagogia, compreendendo 28,7% do total entre as licenciaturas estudadas, que foram Biologia, Física, Química, Matemática, História, Geografia e Letras.

O presente artigo difere do estudo tomado como referência, pelos objetivos propostos e pelo foco empírico focalizado, mas apreendeu dele dois aspectos basilares como: a) o perfil esperado do professor da educação básica, e b) a adoção das mesmas questões para o questionário utilizado.

A pesquisa realizada pretende trazer dados iniciais para contribuir com reflexões acerca da temática, sendo do tipo exploratório. As pesquisas do tipo exploratório, embora tenham restrições quanto a sua generalização, contribuem com a aproximação do objeto de estudo,

permitindo delinear problemáticas para investigações futuras. O desenho metodológico teve caráter quanti-qualitativo, buscando compreender a proximidade do perfil do estudante do curso de Pedagogia da UFGD com as características do professor para os anos iniciais da educação básica, analisando dados estatísticos retirados dos resultados das análises dos questionários.

Costa (2004, p. 74) analisa que: “[...] a estatística pode jogar luz sobre as massas de dados no sentido de fazer o pesquisador enxergar coisas que, sem ela, dificilmente seriam vistas”.

O trabalho está dividido em duas seções: a primeira apresenta o perfil do professor da educação básica no Brasil, que se pode apreender a partir do estudo coordenado por Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto, intitulado “Professores do Brasil: impasses e desafios”; a segunda traz o perfil dos ingressantes do curso de Pedagogia da UFGD no período de 2010 a 2013, e, ao final, apresentam-se algumas considerações que os dados permitem inferir.

2 O perfil do professor da educação básica no Brasil

Antes de identificar o perfil do professor da educação básica fez-se necessário entender como surgiu a história do Curso de Pedagogia, que se destina à formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental e para a educação infantil, uma vez que essa formação não se deu sempre nesta relação biunívoca.

Foi só a partir de 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que passou a exigir, no Brasil, curso de nível superior para a atuação na educação básica. A LDB inclusive estabeleceu um prazo de dez anos para que de fato os sistemas de ensino exigissem a formação em nível superior como requisito para acesso à carreira docente. Até essa data, a formação de professores ocorria em cursos de nível médio.

A partir do prazo decenal previsto na LDB, pode-se observar que a exigência de título de licenciado em curso superior de pedagogia para a atuação na educação básica é recente, perfazendo um pouco mais de seis anos.

Por isso, em primeiro momento, será apresentado um breve histórico do curso de Pedagogia enfatizando seus principais marcos.

O Curso de Pedagogia, em sua origem, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, esteve desassociado dos processos educativos reais. Segundo Cambi (1999, p. 22):

Tratava-se de uma história persuasiva, por um lado, e teoreticista, por outro, sempre muito distante dos processos educativos reais, referentes às diversas sociedades, diferenciados por classes sociais, sexo e idade; distante das instituições em que se desenvolviam (a família, a escola, a oficina artesanal e, em seguida, a fábrica, mas também o seminário e o exército etc.); distante das práticas de educação ou de instrução, das contribuições das ciências, sobretudo humanas, para o conhecimento dos processos formativos (em primeiro lugar, psicologia e sociologia).

Essa crítica se manteve até recentemente⁵, inclusive no Brasil, conforme explicita o Parecer CNE-CP nº 9, de 8 de maio de 2001, o que suscitou as reformas na área da formação de professores, que induziu a extinção dos cursos de formação de nível médio que, hoje, são admitidos apenas em caráter emergencial.

Foram os Institutos de Educação que serviram de modelo para a criação do curso de Pedagogia no conjunto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil (GATTI, 2010).

O curso de Pedagogia se institucionalizou nos anos finais da década de 1930, mais precisamente em 1939, em um período conturbado no interior do Estado Novo. O curso de Pedagogia foi criado pelo Decreto Lei nº 1190, de 4 de abril de 1939. Nesse momento o curso de Pedagogia formava bacharéis e também licenciados num esquema chamado “3 + 1”. O bacharel era formado em um curso com duração de três anos, e para ser licenciado o estudante precisava cursar mais um ano de estudo no Curso de Didática. Os bacharéis em Pedagogia atuavam em cargos técnicos de educação e os licenciados estariam habilitados ao magistério no ensino secundário e normal (SILVA, 2006).

Depois que o Curso de Pedagogia foi criado, ele passou por um momento de indefinição quanto à sua identidade. Nessa época, o foco estava em preparar “trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais”. Silva (p. 12-13) mostra os principais focos dessa indefinição:

Em sua própria gênese, o curso de pedagogia já revela muito dos problemas que o acompanharam ao longo do tempo. Criou um bacharel em pedagogia sem apresentar elementos que pudessem auxiliar na caracterização desse novo profissional. Dentre as finalidades definidas para a faculdade Nacional de Filosofia é possível reconhecer a que é dirigida ao bacharel em geral. É a que se refere ao preparo de ‘trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica’ (artigo 1º, alínea a). [...] Outro foco de tensão é o relativo à separação

⁵ Nesse sentido ver Tardif (2000)

bacharelado-licenciatura, refletindo a nítida concepção dicotômica que orientava o tratamento de dois componentes do processo pedagógico: o conteúdo e o método.

Pode-se observar que a diferenciação da formação em nível médio e em nível superior na década de 1940 estava na formação dos intelectuais voltados para o desenvolvimento das altas atividades culturais para a atuação na educação escolar.

No âmbito da primeira LDB, Lei n. 4.024/1961, o Parecer do CFE nº 251/62, que regulamenta o curso de Pedagogia e fixa o seu currículo mínimo e duração, indica a necessidade do professor primário ser formado no ensino superior (SILVA).

Nesse sentido, no final da década de 1990 a história construída pelo Curso de Pedagogia conseguiu se constituir como o principal meio para a formação docente dos educadores para atuar na Educação Básica com a promulgação da Lei de Diretrizes e bases da Educação (9.394/1996) e com a “Proposta de Diretrizes Curriculares” de autoria da Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia.

Neste contexto são construídas as bases que justificam o presente interesse em analisar, mesmo que de forma inicial e preliminar, as características dos alunos desse curso de graduação, uma vez que não são mais admitidas a formação de professores para a educação básica em cursos de nível médio, a não ser sob a forma de exceção. É importante considerar as características dos futuros pedagogos, uma vez que estes tem peso sobre as aprendizagens e seus desdobramentos na atuação profissional diretamente na educação básica (GATTI, 2010). Desse modo, busca-se responder ao seguinte conjunto de questões: quem são os alunos dos cursos de Pedagogia? Quais suas características? Quais suas expectativas?

Intenta-se ao responder essas questões sinalizar as divergências e convergências dos futuros docentes com o seu perfil historicamente delineado.

2.1 Quem são os alunos do curso de Pedagogia?

No estudo feito por Gatti e Barreto (2009), pode-se observar que os acadêmicos do curso de Pedagogia tendem a ser mais velhos do que a faixa etária esperada para a educação superior.

Apenas 34,7% dos acadêmicos de Pedagogia estão na faixa ideal (na idade entre 18 e 24 anos), sendo que mais da metade dos estudantes (65,2%) tem idade acima de 25 anos.

Segundo Gatti e Barreto (p.161), a idade dos estudantes de Pedagogia pode ser entendida por algumas razões já conhecidas:

[...] a certificação obrigatória para o professor das séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil era a de nível médio até a promulgação da Lei nº 9.394, em 1996. Uma vez formados, os professores geralmente começavam a lecionar para depois se dirigirem ao curso superior.

Outro fator já conhecido e que se mantém ao longo do tempo se refere ao sexo dos estudantes de Pedagogia. Tem-se o dado de que as mulheres predominam em 92,5% dos cursos de formação de professores para a educação básica.

Gatti (2010) explica que essa realidade se justifica por causa da “representação do ofício docente como prorrogação das atividades maternas e pela naturalização da escolha feminina pela educação” (GATTI, BARRETO 2009, p. 162).

Em relação ao estado civil dos estudantes do curso de Pedagogia, mais da metade (53,6%) se mostra solteiro (a) e um número significativo (36,7%) se apresenta como sendo casado (a), o que se caracteriza como um desdobramento da idade mais alta do conjunto de seus estudantes.

Os estudantes do curso de Pedagogia provêm, em sua maioria (41,8%), do curso Normal profissionalizante para o magistério de 1ª a 4ª série no ensino regular. Os que se formaram no ensino regular correspondem a 39,8%, como podemos observar na tabela 2. Desses estudantes, 71,1% concluíram o ensino médio em escolas públicas e 14,3% em escolas particulares.

Entre os estudantes do curso de Pedagogia, no estudo feito por Gatti e Barreto, observa-se um número expressivo (91%) de acadêmicos com a renda salarial de até dez salários mínimos, sendo que 41,9% tem renda inferior de até 3 salários mínimos. “Os estudos sobre os professores costumam descrevê-los como uma categoria profissional relativamente homogênea, proveniente, em larga medida, dos estratos médios da população.” (2009, p. 162). Gatti e Barreto explicam esse fato dizendo que está acontecendo um processo de proletarização dos trabalhadores em educação. E também uma forte ascensão de certos estratos populacionais a carreiras mais qualificadas.

Tabela 1 – Renda mensal da família dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Até 3 salários mínimos	16.473	41,90%
De 3 a 10 salários mínimos	19.340	49,10%
De 11 a 20 salários mínimos	2	6,30%
De 21 a 30 salários mínimos	496	1,30%
Mais de 30 salários mínimos	221	0,60%
Branco	295	0,70%
Respostas inválidas	51	0,1%

Fonte: GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. p. 163. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2013.

Os estudantes do Curso de Pedagogia, em sua maioria, são alunos trabalhadores, outro dado que confirma a condição social da maioria desses estudantes. A tabela 2, a seguir exposta, indica que apenas 20,9% dos alunos não trabalham e são inteiramente custeados pela família.

Tabela 2 – Trabalho e sustendo familiar dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Não trabalho e meus gastos são financiados pela família	8.240	20,90%
Trabalho e recebo ajuda da família	10.643	27,00%
Trabalho e me sustento	4.342	11,00%
Trabalho e contribuo com o sustento da família	12.936	32,90%
Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família	3.093	7,90%
Branco	66	0,20%
Respostas inválidas	39	0,1%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 164).

A tabela 3 mostra a carga horária de atividade remunerada dos estudantes do curso de Pedagogia. Desses estudantes, apenas 12,4% não exerce e nem exerceu algum tipo de atividade remunerada. Em contraposição, 43% dos acadêmicos trabalham ou já trabalharam 40 horas semanais ou mais. “Ou seja, trata-se de alunos que, na sua grande maioria, empregam o seu

tempo em outras ocupações que não o estudo e o fazem em atividades laborais.” (GATTI; BARRETO, p. 166, 2009)

Tabela 3 – Carga horária de atividade remunerada dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Não exerço/não exerci atividade remunerada	4.862	12,40%
Trabalho/trabalhei eventualmente	1.731	4,40%
Trabalho/trabalhei até 20 horas semanais	6.260	15,90%
Trabalho/trabalhei mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais	9.187	23,30%
Trabalho/trabalhei em tempo integral - 40 horas semanais ou mais	16.935	43,00%
Branco	309	0,80%
Respostas inválidas	75	0,2%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 165).

Diante desse quadro, há a necessidade de se atentar para o capital cultural desse futuro professor, considerando que, historicamente, cabe ao professor transmitir os conhecimentos acumulados pela sociedade e o desenvolvimento de habilidades e atividades culturais (SILVA, 2006).

2.2 Quais são as características dos alunos do curso de Pedagogia?

Segundo Gatti (2010), a escolaridade dos pais pode ser tomada como um indicador importante da bagagem cultural das famílias de que vêm os estudantes do Curso de Pedagogia. A tabela 4 mostra que 20,9% dos pais e mães dos estudantes do Curso de Pedagogia não possuem escolaridade, sendo que 89,8% estudaram apenas até os primeiros anos do ensino fundamental e apenas 16,2% tem o ensino superior completo.

Pais e mães dos estudantes de Pedagogia são sistematicamente menos escolarizados que os dos estudantes dos demais cursos. Se as diferenças de renda familiar são apenas ligeiramente maiores para os demais licenciandos, elas se mostram bem mais acentuadas a favor destes últimos no que tange à bagagem cultural da família de origem. (GATTI; BARRETO, 2009, p. 167).

Tabela 4 – Escolaridade dos pais e mães dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

PAIS		
Alternativas	Número	%
Nenhuma escolaridade	4.326	11,00%
Ensino fundamental: de 1ª a 4ª série	18.303	46,50%
Ensino fundamental: de 5ª a 8ª série	6.203	15,80%
Ensino médio	7.240	18,40%
Superior	2.982	7,60%
Branco	255	0,60%
Respostas inválidas	50	0,1%
MÃES		
Alternativas	Número	%
Nenhuma escolaridade	3.910	9,90%
Ensino fundamental: de 1ª a 4ª série	17.046	43,30%
Ensino fundamental: de 5ª a 8ª série	6.722	17,10%
Ensino médio	8.204	20,80%
Superior	3.367	8,60%
Branco	77	0,20%
Respostas inválidas	33	0%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 166 e 167).

O conhecimento de língua estrangeira é um fator importante quando se trata do acesso aos cursos superiores com mais concorrência. Analisando os dados trazidos por Gatti e Barreto (2009), é possível verificar que 59,3% dos estudantes de Pedagogia não possuem sequer um domínio mínimo desse idioma e que apenas 2,3% leem, escrevem e falam bem a língua inglesa.

Tabela 5 – Conhecimento em língua inglesa dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Leio, escrevo e falo bem	918	2,30%
Leio, escrevo e falo razoavelmente	5.330	13,50%
Leio, escrevo, mas não falo	3.429	8,70%
Leio, mas não escrevo nem falo	6.260	15,90%
Praticamente nulo	23.335	59,30%
Branco	57	0,1%
Respostas inválidas	30	0,10%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 169).

Quando se fala em consumo cultural, Gatti e Barreto (2009, p. 169) explicam que:

Importantes mediadores na transmissão da cultura sistematizada, muito do que os professores sabem, sentem, pensam e a forma como atuam nas escolas tem a ver não apenas com as experiências estritas de escolarização que têm, mas com a sua própria experiência de vida e com as formas mais amplas pelas quais eles se inserem na sociedade contemporânea e se relacionam com os bens culturais.

É importante dizer que o acesso aos bens culturais varia conforme as diferentes regiões e, além disso, diferencia-se segundo os estratos sociais aos quais estão inseridos. E nesse sentido, os estudantes do curso de Pedagogia possuem menos experiências de cultura sistematizada que viabilizem sua inserção na sociedade contemporânea.

Processo semelhante à aquisição de língua estrangeira ocorre com o acesso à literatura. No curso de Pedagogia 37,9% dos estudantes leem entre três e cinco livros por ano e 7,4% não lê nenhum livro ao ano. Quanto aos tipos de livros preferidos dos estudantes, estão os técnicos (18,3%), os de autoajuda (17,6%) entre outros (28,2%).

Tabela 6 – Livros lidos no ano pelos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Nenhum	2.898	7,40%
No máximo dois	11.583	29,30%
Entre três e cinco	14.913	37,90%
Entre seis e oito	4.904	12,50%
Mais de oito	4.887	12,40%
Praticamente nulo	202	0,5%
Branco	17	0,00%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 170).

Verifica-se que 51,1% dos estudantes do Curso de Pedagogia afirmam ler jornal algumas vezes na semana ou diariamente, mas 35,3% deles leem raramente (tabela 8). O meio mais utilizado para se manterem atualizados sobre os acontecimentos contemporâneos é a televisão (61,3%) e, reforçando a cultura que predomina entre as novas gerações, a internet (16,3%) supera os jornais (12,8%) entre os meios de comunicação.

Tabela 7 – Leitura de jornais dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativa	Número	%
Diariamente.	5.660	14,40%
Algumas vezes por semana	14.429	36,70%
Somente aos domingos	4.222	10,70%
Raramente	13.902	35,30%
Nunca	1.047	2,70%
Branco	74	0,20%
Respostas inválidas	25	0,10%

Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 284).

As novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) ampliam as oportunidades de acesso à cultura formal (GATTI, 2010). As respostas dos estudantes de nível superior do curso de Pedagogia oferecem uma imagem positiva quanto ao acesso que possuem. 90,7% dizem usar o computador para fazer os trabalhos escolares e apenas 7,2 disseram não usar.

Das atividades artístico-culturais preferidas dos estudantes do curso de Pedagogia, 40,7% preferem ir ao cinema, 18,5% gostam de espetáculos teatrais, 21,2% gostam de shows musicais e ou concertos e 14,2% preferem espetáculos de dança. Gatti e Barreto (2009) explicam que o índice de respostas a esse quesito não permite inferir que a frequência a essas atividades seja equivalente à das preferências indicadas.

Com isso, pode-se inferir que a formação familiar, considerando os estratos sociais a que estão inseridas, não convergem na formação do perfil historicamente delineado para o pedagogo.

2.3 Quais as expectativas dos estudantes do curso de Pedagogia?

No estudo de Gatti e Barreto (2009), 65,1% dos estudantes do curso de Pedagogia disseram ter escolhido o curso, pois querem ser professores, sendo que 79% (tabela 13) afirmam ter pretensão em ser professores.

Tabela 8 - Pretensão de ser professor dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativas	Número	%
Sim	31.075	79,00%
Não	3.264	8,30%
Ainda não me decidi	4.898	12,40%
Branco	81	0,20%
Respostas inválidas	41	0,10%

Fonte: Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 281).

Entre os estudantes do Curso de Pedagogia, 28,2% já têm trabalho na área e 16,6% trabalham em outra área, mas pretendem buscar atividade na área de graduação. Destaca-se o baixo número de acadêmicos que pretende se dedicar às atividades acadêmicas (13,8%).

Tabela 9 - Expectativa profissional futura dos estudantes do curso de pedagogia no ano de 2005

Alternativa	Número	%
Já tenho trabalho na área e pretendo continuar nele	11.114	28,20%
Trabalho em outra área, mas pretendo buscar uma atividade na minha área de graduação	6.538	16,60%
Vou me dedicar à atividade acadêmica e buscar um curso de pós-graduação	5.424	13,80%
Vou prestar concurso para atividade em empresa pública	1,788	4,50%
Pretendo trabalhar em empresa privada	1,749	4,40%
Branco	104	0,30%
Respostas inválidas	125	0,30%

Fonte: Fonte: Gatti e Barreto (2009, p. 281).

Diante desse quadro, pode-se observar que o futuro docente da educação básica compõe os estratos de classe trabalhadora, e conseqüentemente com pouca disponibilidade para a dedicação exclusiva para a formação profissional, sem pretensões de seguir carreira acadêmica. De forma geral, a literatura já apontava para esses dados. Segundo Severino (2009, p. 261):

Como conviver com a precariedade de nossos cursos de Licenciatura e Pedagogia, como se nada tivessem a ver conosco? Todos sabemos muito bem que o fator predominante dessa crise vem da ausência de uma política pública mais consistente por parte do Estado mas quem vive dentro dos muros da Universidades bem sabe o quanto a Licenciatura é desprestigiada, conforme depoimento recente do próprio Ministro da Educação, ao justificar a criação da Bolsa de Iniciação à Docência.

Importa, neste momento, verificar o perfil do estudante do curso de pedagogia da UFGD.

3 Perfil do Estudante de Pedagogia da UFGD, no período de 2010 a 2013

3.1 O curso de Pedagogia da UFGD

A UFGD é uma instituição pública federal. Atualmente, oferta 28 cursos, sendo 12 licenciaturas e 16 bacharelados. O curso de Pedagogia foi criado em 1979, e é oferecido no período noturno, com 50 vagas anuais⁶.

⁶ Nesse sentido observar a página eletrônica da Universidade Federal da Grande Dourados no seguinte endereço: <http://www.ufgd.edu.br/>

Segundo informação da Secretaria Acadêmica da UFGD, no Curso de Pedagogia, atualmente, há 198 estudantes matriculados (UFGD, 2013). A investigação por questionários conseguiu uma amostra de 116 acadêmicos, compreendendo um total de 58,6% estudantes do curso de Pedagogia.

3.2 Quem são os alunos do curso de Pedagogia da UFGD?

O Curso de Pedagogia apresenta 44,8% de seus acadêmicos com idade entre os 18 e 24 anos e 25,8% entre os 25 aos 29 anos, como pode ser observado na tabela 10, que revela que o Curso de Pedagogia tem, em sua maioria, acadêmicos na faixa etária ideal, conforme previsto no Plano Nacional de Educação, Projeto de Lei n 8035/2010 (BRASIL, 2010), o que entra em divergência com os dados apresentados no estudo feito por Gatti e Barreto (2009) em que os acadêmicos do Curso de Pedagogia tendem a ser mais velhos.

Tabela 10 - Faixa etária dos estudantes de Pedagogia da UFGD

Alternativas	Número	%
Até 17 anos	1	0,9%
De 18 a 24 anos	52	44,8%
De 25 a 29 anos	30	25,8%
De 30 a 39 anos	20	17,2%
De 40 a 49 anos	9	7,8%
De 50 a 64 anos	3	2,6%
65 anos ou mais	0	0%
Respostas Inválidas	1	0,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

Dos questionários analisados pode-se constatar que 94% dos estudantes do Curso de Pedagogia da UFGD são do sexo feminino e 6% são do sexo masculino. O trabalho realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano de 2004 explica que a presença tão predominante de mulheres na profissão docente no Brasil se justifica pelo aumento do mercado de trabalho, juntamente com a ampliação do atendimento escolar e também enfoca a associação, presente no imaginário social, entre a escola e maternidade, que leva a um entendimento do processo educativo da escola como continuidade do

Quaestio, Sorocaba, SP, v.16, n.1, p. 199-223, maio 2014

lar, que sempre esteve sob a orientação de mulheres. O estudo da UNESCO (2004, p. 45) ainda explica que “o conceito de feminização do magistério não se refere apenas à participação maciça de mulheres nos quadros docentes, mas também à adequação do magistério às características associadas tradicionalmente ao feminino, como o cuidado”.

Quando é questionado sobre o estado civil desses estudantes, percebe-se que 49,1% são solteiros e 44,5% são casados. O que chama a atenção é o número significativo de acadêmicos que já são casados, mesmo tendo uma faixa etária mais jovem do que o apresentado no contexto nacional.

Os dados demonstram que é o espaço público o lugar privilegiado de formação dos futuros docentes. Os acadêmicos do Curso de pedagogia da UFGD concluíram o ensino médio, em sua maioria (81%), no ensino regular, como mostra a tabela 20. 86,3% dos graduandos estudaram todo o ensino médio em escola pública e 3,4% todo em escola particular.

Tabela 11 - Conclusão do ensino médio dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFGD.

Alternativas	Número	%
Com ou de educação geral, no ensino regular	94	81%
Profissionalizante técnico (eletrônica, contabilidade, agrícola, etc.), no ensino regular	2	1,7%
Profissionalizante magistério de 1ª a 4ª série (Curso Normal), no ensino regular	3	2,6%
Supletivo	14	12,1%
Outro curso	2	1,7%
Respostas inválidas	1	0,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFGD.

Analisando a tabela 12 é possível perceber que 69% dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD têm renda mensal de até 3 salários mínimos e 27,6% têm renda mensal de 3 a 10 salários mínimos. Desses estudantes, 42,2% trabalham e contribuem para o sustento da família, 21,6% não trabalham e têm os gastos financiados pela família, 18,1% trabalham e se sustentam e 17,2% trabalham e recebem ajuda da família.

Tabela 12 – Renda mensal da família dos estudantes do curso de Pedagogia da UFGD

Alternativas	Número	%
Até 3 salários mínimos	80	69%
De 3 a 10 salários mínimos	32	27,6%
De 11 a 20 salários mínimos	0	0%
De 21 a 30 salários mínimos	0	0%
Mais de 30 salários mínimos	0	0%
Respostas inválidas	4	3,4

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

A tabela 13, a seguir exposta, mostra que 29,3% dos estudantes do Curso de Pedagogia da UFGD trabalham 40 horas semanais ou mais. Essas informações explicitam que o Curso de Pedagogia apresenta características de um alunado que acessa a educação superior em um contexto de massificação, após o período de sua expansão.

Essas alterações no perfil dos estudantes da educação superior, que encontram alunos trabalhadores e casados, estão presentes no contexto mundial. Neave (2001) detectou, no leste europeu, a entrada de alunos trabalhadores. A demanda reprimida consegue seu acesso na medida em que há a ampliação da oferta de educação superior. Com isso, há o ingresso de um número maior de alunos trabalhadores e chefes de família.

Tabela 13 – Carga horária de atividade remunerada dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFGD

Alternativas	Número	%
Não exerço/não exerci atividade remunerada	24	20,7%
Trabalho/trabalhei eventualmente	10	8,6%
Trabalho/trabalhei até 20 horas semanais	17	14,7%
Trabalho/trabalhei mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais	26	22,4%
Trabalho/trabalhei em tempo integral - 40 horas semanais ou mais	34	29,3%
Respostas inválidas	5	4,3%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

Cumprir destacar que se observa no perfil do estudante de Pedagogia da UFGD um conjunto de características do jovem trabalhador, inclusive já casados, considerando especialmente o forte percentual de mulheres no Curso. De forma geral, pode-se inferir, com esses dados, que esses estudantes se inserem em famílias de estratos sociais advindos da classe trabalhadora, pois as mesmas não viabilizam a formação profissional em nível superior de forma exclusiva a seus filhos. Outras características corroboram essas afirmações.

3.3 Quais são as características os alunos do Curso de Pedagogia da UFGD?

Os dados sobre a relação dos estudantes, que serão futuros professores da educação básica, apontam que 16,4% dos pais e 7,8% das mães não possuem escolaridade, sendo que 50,9% dos pais e 66,3% das mães possuem apenas o ensino fundamental. O percentual com acesso superior de pais e mães não chega a 10%.

Tabela 14 - Escolaridade dos pais e mães dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFGD

PAIS		
Alternativas	Número	%
Nenhuma escolaridade	19	16,4%
Ensino fundamental: de 1ª a 4ª série	40	34,5%
Ensino fundamental: de 5ª a 8ª série	19	16,4%
Ensino médio	25	21,5%
Superior	10	8,6%
Respostas inválidas	3	2,6%
MÃES		
Alternativas	Número	%
Nenhuma escolaridade	9	7,8%
Ensino fundamental: de 1ª a 4ª série	50	43,1%
Ensino fundamental: de 5ª a 8ª série	27	23,2%
Ensino médio	18	15,5%
Superior	11	9,5%
Respostas inválidas	1	0,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

Quanto à leitura de jornais, é possível constatar que apenas 20,7% dos acadêmicos do Curso de Pedagogia leem jornais diariamente, enquanto 32,8% leem raramente, como mostra a tabela 15. Os meios mais utilizados para a atualização dos acontecimentos contemporâneos são a internet (62,9%) e também a televisão, com 9,5%.

Tabela 15 – Frequência da leitura de jornais dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFGD

Alternativa	Número	%
Diariamente	24	20,7%
Algumas vezes por semana	49	42,2%
Somente aos domingos	1	0,9%
Raramente	38	32,8%
Nunca	4	3,4%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

As atividades artísticas culturais favoritas dos estudantes do Curso de Pedagogia da UFGD são o cinema (46,6%) e os shows musicais (19,8%), duas atividades predominantes nos eventos oferecidos pela própria universidade.

Tabela 16 - Atividades artístico-culturais preferidas dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD

Alternativa	Número	%
Cinema	54	46,6%
Espectáculos teatrais	6	5,2%
Shows musicais	23	19,8%
Concertos	1	0,9%
Dança	4	3,4%
Nenhuma	13	11,2%
Outra	3	2,6%
Respostas inválidas	12	10,3%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

Quanto à língua inglesa é possível observar que 58,6% dos estudantes de Pedagogia não possuem sequer um domínio mínimo desse idioma e que apenas 2,6% lê, escreve e fala bem a língua inglesa.

Tabela 17 - Conhecimento em língua inglesa dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD

Alternativas	Número	%
Leio, escrevo e falo bem	3	2,6%
Leio, escrevo e falo razoavelmente	11	9,5%
Leio, escrevo, mas não falo	13	11,2%
Leio, mas não escrevo nem falo	20	17,2%
Praticamente nulo	68	58,6%
Respostas inválidas	1	0,9%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

É importante ressaltar que para que a educação se desenvolva no Brasil é importante que a experiência de vida e as formas mais amplas pelas quais os professores se inserem na sociedade contemporânea e se relacionam com os bens culturais sejam consideradas e valorizadas e não apenas as experiências de escolarização que o professor adquiriu em sua vida acadêmica, (ASSIS apud UNESCO, 2004, p. 62, grifos nossos) explica essa situação:

Os professores deixaram de ganhar um salário digno, deixaram de ter uma carreira atraente, passaram a ter muita dificuldade de se manter como cidadãos. **O professor é um profissional que tem que ler, viajar, escrever, ter acesso aos bens de cultura** e isso durante muitas décadas foi sendo destruído e alijado de seu alcance. Eu não acredito que foi só para o professor, foi para toda a população de profissionais do país, mas em particular isso deixa uma marca extremamente pernicioso no professor. **Porque um profissional que não tem uma preparação prévia e uma atualização em serviço e condições de se tornar um cidadão e um profissional cada vez mais sábio, mais experiente, mais cidadão do mundo, com olhar para o seu país, para sua localidade, para sua cidade, para o seu bairro, mas uma pessoa que se vê como integrante deste planeta com toda cultura que a inteligência humana tem criado, se ele não tem a possibilidade do acesso, como é que ele abre estes caminhos na escola?**

Diante dessas reflexões apresentada pela a autora, observa-se que o perfil do estudante do Curso de Pedagogia, explicitado nas características, não tem uma formação convergente com o perfil historicamente desejado para o professor da educação básica.

3.4 Quais as expectativas dos estudantes do Curso de Pedagogia?

Dos dados analisados foi possível constatar que 75% dos acadêmicos do Curso de Pedagogia têm a pretensão de ser professores, sendo que 50% escolheu o curso de Pedagogia porque querem ser professores e 21,6% ainda não se decidiram. Desses estudantes, 12,9% disseram ter escolhido o curso para ter outra opção se não conseguir exercer outro tipo de atividade, assim como indica a tabela 20 apresentada a seguir.

Tabela 18 - Principal razão pela escolha da licenciatura em Pedagogia na UFGD

Alternativas	Número	%
Porque quero ser professor	58	50%
Para ter outra opção se não conseguir exercer outro tipo de atividade	15	12,9%
Por influência da família	11	9,5%
Porque tive um bom professor que me serviu de modelo	7	6%
Eu não quero ser professor	1	0,9%
É o único curso próximo à minha residência	0	0%
Outros	21	18,1%
Respostas inválidas	3	2,6%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

A tabela 19 chama a atenção para o baixo número de estudantes que pretendem se dedicar às atividades acadêmicas e buscar um curso de pós-graduação (24,2%), embora esse percentual seja pouco superior à medida brasileira apontada por Gatti e Barreto (2009).

Tabela 19 - Expectativa profissional futura dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD

Alternativa	Número	%
Já tenho trabalho na área e pretendo continuar nele	16	13,8%
Trabalho em outra área, mas pretendo buscar uma atividade na minha área de graduação	14	12%
Vou me dedicar à atividade acadêmica e buscar um curso de pós-graduação	28	24,2%
Vou prestar concurso para atividade em órgão público	44	38%
Pretendo trabalhar em instituição privada	3	2,5%
Outra	6	5,2%
Respostas inválidas	5	4,3%

Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário aplicado aos acadêmicos do Curso de Pedagogia da UFGD.

Buscou-se observar, também, o efeito da concessão de bolsas de estudo presente entre as medidas efetivadas pelo governo federal, que poderiam trazer contribuições ao processo de dedicação dos estudantes ao curso, uma vez que há programas específicos para os estudantes de licenciatura. Dentre os acadêmicos do Curso de Pedagogia pesquisados foi possível constatar que 36,9% dos estudantes não recebem nenhum tipo de bolsa. 11,6% são contemplados com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e 3,5% conseguiram o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

Nesse sentido, pode-se observar que não é significativo o número de estudantes que recebem bolsas, e essa política de concessão de bolsas, até o momento, não tem conseguido retirar os estudantes da dupla jornada de estudar e trabalhar.

Considerações finais

Analisar o perfil dos acadêmicos do Curso de Pedagogia no Brasil exige uma reflexão sobre o sistema educacional brasileiro em suas esferas econômica, política e social, pois as tensões vividas pelos estudantes interferem diretamente na identidade do futuro professor da educação básica, que precisará compreender e enfrentar as transformações que afetam as sociedades contemporâneas, o que exige novos compromissos desses profissionais.

De forma geral, as condições da carreira docente e o processo de massificação da educação superior são apontados, pela literatura, como os principais efeitos das políticas educacionais na definição do perfil do estudante ao Curso de Pedagogia.

A partir dos dados analisados pode-se observar que o Curso de Pedagogia se constitui como uma carreira atrativa para os jovens da classe trabalhadora, egressa do ensino médio público, que, por não propiciar ascensão social e econômica, têm na universidade pública, com o seu processo de expansão, oportunidades de acesso ao ensino superior, acesso que seus pais não tiveram.

Diante desse cenário, o presente artigo explicita que há divergências no perfil do ingressante ao Curso de Pedagogia da UFGD com o perfil esperado historicamente para o docente da educação básica, especialmente considerando as condições familiares a que estão inseridos.

Esses dados reforçam a necessidade de novas políticas públicas destinadas para a formação universitária desses professores, para além das atuais medidas, focalizadas na concessão de bolsas de estudo, considerando o potencial do espaço universitário na formação profissional, inclusive de professores para a educação básica.

Referências

ALVES, Fátima. Políticas educacionais e desempenho escolar nas capitais brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134, p. 413-440, maio/ago. 2008.

BRASIL. **Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm >. Acesso em: 30 jul. 2013.

_____. **Projeto de Lei n 8035, de 20 de dezembro de 2010**. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>> Acesso em: 30 jul. 2013.

BRASIL. **Decreto n.º 6.094, de 24 de abril de 2007**. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Brasília, DF, 2007. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm >. Acesso em: 13 maio 2013.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação da Ed. UNESP, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CNE. **Parecer CNE-CP nº 09, de 08 de maio de 2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF: CNE, 2001a. Disponível em:

<http://www.abmes.org.br/_Download/Associados/Legislacao/2001/Parecer/Par_CP_09_080501.htm>. Acesso em: 14 abr. 2013.

COSTA, Sérgio Francisco. **Estatística aplicada à pesquisa em educação**. Brasília: Plano Editora, 2004.

GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2013.

NEAVE, Guy. **Educación superior: historia y politica**. Barcelona: Gedisa, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **PDE – Plano de desenvolvimento da educação: análise crítica da política do MEC**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades.

Avaliação, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

SILVA, Carmem Silvia Bissolli da. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. 3. ed.

Campinas: Autores associados, 2006.

SOUZA, Mary Ane. ; REAL, Giselle Cristina Martins. O acesso ao curso de pedagogia da UFGD: uma análise da relação entre educação básica e educação superior. **Revista Eletrônica Pedagogia em Foco**, Iturama, v. 7, p. 307-318, 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro; Campinas, n. 13, p. 5 - 24, jan./abr. 2000.

UNESCO. **O Perfil dos professores brasileiros : o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

Mary Ane de Souza - Universidade Federal da Grande Dourados.
Dourados | MS | Brasil. Contato: maryanesouza@live.com

Giselle Cristina Martins Real - Universidade Federal da Grande Dourados.
Dourados | MS | Brasil. Contato: gisellereal@ufgd.edu.br

Artigo recebido em: 1 abr. 2014 e
aprovado em: 28 abr. 2014.